

**Quem aguenta tanto exibicionismo nas redes sociais? (MARCELA BUSCATO e ISABELA CARRERA)****A ostentação – material e de felicidade – virou uma praga virtual**

**QUEM** nunca postou no Instagram, a rede social de imagens, uma foto da praia ou da piscina para cutucar os colegas confinados sob a luz fluorescente do escritório? Quem nunca atualizou sua localização no Facebook para mostrar o endereço do restaurante badalado? Um exame de consciência, que nem precisa ser minucioso, revelará que, sim, muitos de nós já incorremos em um (ou dois, ou três...) ataque de exibicionismo virtual. Mesmo quem passa incólume pela tentação conhece (um ou vários) amigos que não resistem em exibir a última viagem, a noite divertidíssima ao lado dos amigos, o filho mais encantador do mundo, as flores enviadas pelo melhor dos maridos. A ostentação – material e de felicidade – virou uma praga virtual.

O comportamento já ganhou até apelido. Quem se autopromove é chamado de bragger, uma palavra de origem inglesa que significa algo como “fanfarrão”. E não adianta se gabar e tascar a hashtag #bragger. A admissão da culpa não é desculpa, nem protege contra o ressentimento: uma pesquisa feita por um site de compras do Reino Unido sugere que a principal razão para usuários de redes sociais excluírem alguém de sua lista de amigos é o exibicionismo. Quase 70% dos 820 entrevistados disseram ter encerrado uma amizade virtual por dor de cotovelo.

A mania de se gabar virtualmente é tão ostensiva que já despertou a atenção da ciência. Começam a aparecer os resultados de uma série de estudos destinados a entender por que as redes sociais podem despertar nossos piores sentimentos – de soberba a inveja – e os efeitos de remoê-los em velocidade 4G.



**INSTANTÂNEOS - Imagens de viagens, diversão e alegria em família. Esse tipo de ostentação só causa inveja (Fotos: ThinkStock e reprodução)**

Pesquisadores da Universidade Humboldt, em Berlim, entrevistaram 357 universitários e descobriram que o principal sentimento despertado pela vida virtual é a inveja. Quase 30% relataram nutrir esse sentimento ao ver, no Facebook, posts sobre atividades de lazer dos amigos e indícios de sucesso de qualquer espécie (acadêmico, profissional, sexual). Mesmo os exibidos sentem inveja. Cerca de 20% afirmaram chatear-se por sentir que sua própria ostentação não é notada suficientemente pelos amigos.

A percepção de ser ignorado cria um círculo vicioso: confrontados com a soberba alheia, os usuários das redes sociais podem adotar atitudes de autopromoção ainda mais intensas, suscitando inveja e, conseqüentemente, mais exibicionismo. "Há muitas semelhanças entre os usuários de uma rede social: amigos em comum, mesma formação e origem cultural", diz Hanna Krasnova, uma das autoras da pesquisa. "Os estudos sugerem que as pessoas tendem a invejar gente parecida com elas."

O psicólogo americano Ethan Kross, da Universidade de Michigan, conseguiu medir as conseqüências desse círculo de ciúme virtual. Ele acompanhou por duas semanas usuários do Facebook e percebeu que, quanto mais tempo passavam conectados, mais insatisfeitos com a própria vida diziam se sentir. O efeito era mais pronunciado entre os voluntários que encontravam pessoalmente os amigos com frequência. "Ainda não temos uma boa explicação para essa associação e exploraremos alternativas em outros estudos", diz Kross. Uma das possibilidades: quem mantém uma relação próxima com os amigos na vida real talvez seja mais atento às pessoas e, por isso, perceba com clareza quando alguém está se gabando. O resultado é que sofrem mais: de inveja e de vergonha alheia.

O advogado Cássio Mosse, de 28 anos, diz cruzar frequentemente com amigos com vocação para bragger. Há aqueles que fazem questão de contar para todo mundo onde estão naquele momento (#partiuacademia, #bomdiapraia). Outros chegam a cruzar o limite entre realidade e ficção na tentativa de impressionar. Mosse diz que um conhecido tirava fotos com roupas que não comprara, dentro do provador das lojas, para posar de bem vestido. Ele diz que avisa os amigos cujo exibicionismo passa dos limites do que ele considera tolerável. Mas precisa ser um comentário sutil, para o amigo não se ofender. "Um deles publicava muitas fotos de comida, e eu disse, brincando, que pararia de ver porque não queria ficar com fome", diz Mosse. Ele excluiu de sua lista conhecidos que abusam das postagens para causar inveja. "No fundo, a pessoa quer mostrar para o mundo quem ela gostaria de ser", diz Mosse.

Por trás desse impulso, aparentemente mesquinho, há uma necessidade muito humana. "Buscamos ser aceitos", diz a psicóloga Luciana Ruffo, do Núcleo de Pesquisas da Psicologia em Informática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mas a versão editada de nossos melhores momentos pode ter o efeito contrário e nos afastar do grupo. "As pessoas acham que uma frase ou uma foto resumem a vida de alguém. Isso não é verdade", diz Luciana.

Em meio a tantas manifestações de exibicionismo e inveja, pesquisadores se perguntam se as redes sociais são apenas um reflexo – concentrado – de nossos piores instintos e se amplificam características desabonadoras de nosso caráter. Em defesa das redes sociais, é preciso enfatizar que a tendência para se gabar não apareceu com a tecnologia. Com ou sem internet, estima-se que o objetivo de 40% de nossas falas diárias é fornecer informações para os outros sobre nós mesmos e expressar nossas opiniões sobre o mundo. Pesquisadores da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, descobriram uma das razões neurológicas desse falatório autocentrado.

Eles fizeram imagens do cérebro de voluntários enquanto respondiam a perguntas sobre eles mesmos e sobre outras personalidades, como o presidente Barack Obama. Quando as respostas eram pessoais, uma das áreas cerebrais associadas à sensação de recompensa era ativada. Isso não acontecia quando as questões versavam sobre outras pessoas. Em etapas posteriores do estudo, os voluntários chegaram a recusar dinheiro para falar sobre celebridades. Preferiam falar sobre eles mesmos. De graça. "Falar sobre nós mesmos desperta um tipo de recompensa primitiva, semelhante à sensação de comer e fazer sexo", escreveram os autores da pesquisa, liderada pelo neurocientista Jason Mitchell.

O psiquiatra americano Elias Aboujaoude diz que a internet ampliou predisposições humanas como o gosto por se gabar. Como diretor da Clínica de Transtorno Obsessivo Compulsivo da Escola de Medicina da Universidade Stanford, Aboujaoude acompanhou inúmeros pacientes viciados em internet. Diz ter concluído que o mundo virtual libera uma parte de nossa personalidade guiada apenas pelos desejos.

Nele, os limites que aprendemos e as censuras que nos impomos perdem sua eficácia. "A internet pode, inconscientemente, mudar a personalidade das pessoas", diz Aboujaoude, autor do livro *Virtually you: the dangerous powers of the e-personality* (algo como *Quase você: os perigos da e-personalidade*, sem edição no Brasil). Essa mudança de personalidade, diz Aboujaoude, não fica confinada apenas ao mundo virtual. Pode afetar nosso comportamento na vida real. "O estilo de interação que usamos no ciberespaço está passando para a vida off-line. Ficamos parecidos na vida real com a imagem de nossos avatares."

Ainda não existem dados que possam confirmar se alguém se torna mais vaidoso por se expor excessivamente na internet. Talvez tenhamos a sensação de que as pessoas estão mais exibicionistas somente porque as redes sociais tornaram a ostentação mais visível. Dois pesquisadores da Universidade da Geórgia, nos Estados Unidos, chegaram a essa conclusão. Eles pediram a 130 usuários do Facebook que respondessem a um questionário para avaliar tendências narcisistas, caracterizadas pela necessidade de suscitar admiração alheia e exagerar na percepção de sua própria importância. Depois, avaliaram o conteúdo publicado pelos voluntários na rede social.

## Os tipos cheios de si

O difícil é encontrar quem nunca cruzou com (ou se passou por) um desses on-line



### O TURISTA EM TEMPO INTEGRAL

Posta o ano inteiro fotos das férias (deste e de outros anos). Parece viver viajando



### A ÚNICA BEM-AMADA

Só ela tem o parceiro mais especial. Porque momentos a dois são mesmo para divulgar



### O BALADEIRO VIDA LOUCA

Quase dá para escutar o "Uuuuu!!!", pelas fotos de bebidas e pistas de dança



### O EXIBIDO HUMILDE

Ele (acha que) disfarça ao dar dicas do próprio sucesso. Não engana ninguém



### O BEM RELACIONADO DE OCASIÃO

Descobriu quem é o "famoso" que aparece na foto naquela hora. Mas não deixa passar



### O GOURMET DE APRENCIAS

Por que ir a um restaurante se ninguém souber? É clique no prato



### A MÃE ORGULHOSA DEMAIS

Faz questão de contar todas as gracinhas. Até as que só têm graça para a mãe



### O(A) LINDO(A) DEMAIS PARA NÃO MOSTRAR

Acha que o dia de cabelo bom desculpa um autorretrato (selfie). Quem nunca, não é?

Descobriram que as pessoas com maior tendência ao narcisismo eram as que mais publicavam conteúdo para se promover, como fotos em que aparecem atraentes ou sensuais e frases fazendo propaganda delas mesmas. "Isso não quer dizer que todo mundo que está nas redes sociais é narcisista", afirma o psicólogo Keith Campbell, um dos autores da pesquisa. "Apenas que os narcisistas usam esses sites em seu benefício." Nada muito diferente do que fariam ao vivo. Na internet, o alcance da autopromoção é maior. E da irritação que ela causa também.

As redes sociais são mais que uma plataforma de autopromoção e uma fonte de inveja. Amizades nascem, se renovam e se aprofundam ali. Conhecimento é disseminado de uma forma sem precedentes. Indignações sociais e políticas, assim como manifestações culturais, ganham corpo e se materializam. Assim como a alegria, o amor, a solidariedade. Da mesma forma que a vaidade, a inveja e a irritação. Não há como fugir disso numa plataforma baseada nas relações humanas. A saída é manter o humor. Rir da falta de desconfiômetro alheio. Da nossa dor de cotovelo. E vice-versa.

---

**MARCELA BUSCATO e ISABELA CARRERA** são jornalistas e escrevem periodicamente para esta publicação. **Revista ÉPOCA, Fevereiro de 2014.**

## **Meu filho me bloqueou no Facebook (ISABEL CLEMENTE)**

**Vetados nas redes sociais dos filhos, pais tentam contornar a situação e zelar pela segurança dos adolescentes. Que tal criar regras a serem seguidas por todos na família?**

**ISSO** não aconteceu comigo. Minhas filhas são pequenas demais para fazer parte de rede social. Mas sei que esse fenômeno de ser bloqueado pelos filhos tem atingido as melhores famílias. Conheço várias vítimas. Uma delas, Larissa, compartilhou seu espanto no próprio Facebook. "Que golpe!", reclamou minha amiga, conseguindo de volta reações que foram da gargalhada histérica (KKKKKKK) ao riso contido (rsrs). Apareceram também ótimas teses e inspiradas consolações.

Compartilho algumas.

"É assim mesmo".

"Menina crescendo".

"Depois de uma certa idade ela te aceita de volta".

"Eu já fui aceita de volta".

"Pede pro Obama vigiar".

"Corta a mesada".

Houve também os pais solidários com a preocupação silenciosa por trás da denúncia da mãe injustiçada. "Deixa que eu tomo conta! Sempre olho o Face dos filhos dos amigos". Essa atitude dos filhos, muito comum ali entre a adolescência e a juventude, tem várias explicações, mas a tese de que os jovens querem se precaver contra "micos" imperou no debate. "Fiz um acordo com o meu filho. Estou entre os amigos mas proibida de fazer qualquer comentário, postar fotos ou qualquer coisa que possa ser considerada mico. Coisas da vida", disse uma das debatedoras no post da Larissa.

Outra deixou uma dica interessante: "evite postar coisas sobre ela usando o termo "filhotinha" porque é mico". Pais são pagadores de mico em potencial sob a impiedosa ótica adolescente. Fato. Para além das gracinhas, a exposição de nossos filhos nas redes sociais é um tema preocupante. Ser amiga ou seguidora deles é uma forma de vigiar para saber se estão fazendo bom uso da rede. Larissa me deu um depoimento bem honesto sobre o sentimento que essa situação gerou.

"Quando vi que minha filha recém-entrada na adolescência não era mais minha amiga no Facebook, fiquei desconcertada. Como assim não me quer? O que ela não quer que eu saiba? Comentei a história na minha timeline e ouvi os conselhos mais variados. Uns diziam pra eu deixar pra lá, que era normal, outros que eu não podia aceitar a situação, houve quem levantasse a hipótese dela estar namorando. Fiquei lendo e pensando, pensando e lendo, e resolvi mandar novo pedido de amizade. Meu primeiro impulso tinha sido impor meu retorno na marra, mas depois de deixar a poeira baixar resolvi pegar leve na abordagem. Quando ela chegou em casa, reclamei sem muito estardalhaço para ver o que ela ia dizer: "poxa, filha, por que você me excluiu?".

Então ela disse que foi sem querer, que estava mexendo numas configurações (provavelmente para evitar que eu visse alguma coisa...), mas deve ter se sensibilizado com minha cara de mãe ferida e prometeu me adicionar de novo. Eu ia puxar papo sério e dizer que ela ainda é muito nova, que eu não podia deixá-la solta, que a internet é cheia de perigos etc. e tal, mas senti que ela já sabia de tudo o que eu ia dizer (tudo já dito outras tantas vezes) e talvez até concordasse. Então ficamos assim: ela pediu desculpas e eu aceitei. Ela disse que foi sem querer e eu quis acreditar. Agora que somos amigas novamente, confesso que ando evitando curtir e comentar o que ela posta, para ela se esquecer que tô por ali. Foi conselho de amigos do Face, um ótimo divã desses novos tempos".

Para quem nasceu nesse ambiente onde tudo acontece online, festas são combinadas e informações trocadas, pode parecer deslocado nosso excesso de zelo. Só que não. Diálogos numa rede social são coletivos e o julgamento, imediato. Há

mal entendidos. Situações de menor importância são amplificadas. Você pode ter um ótimo português e dominar a pontuação como ninguém e não estará livre de ser mal interpretado em episódios que podem ser devastadores para uma pessoa em formação. Mesmo gente com personalidade estabelecida perde a linha e a chance de ficar calada em 140 caracteres. Improperos e outras reações descontroladas povoam para sempre o Twitter de celebridades, autoridades e anônimos. Nem todo mundo se dá conta de apagar a tempo a besteira que postou. Você tampouco controla o que as pessoas dizem sobre você em frases que ficam por aí para todo o sempre. Fotos são marcadas e até o que não era sua intenção revelar, às vezes, vaza.

No caso de crianças, sou radical. Rede social não é lugar para elas, mas todos sabemos que essa regra não pegou. Alguém já viu o filho de outro alguém na rede e não teve coragem de denunciar, como prega a política interna do Facebook. Além do mais, a criança cresce rapidinho e tudo complica. E aí, como faz então se proibir é a menos plausível das estratégias? Larissa tem razão sobre explicar, falar dos riscos e é mais sensata ainda ao reconhecer que ficar repetindo a ladainha toda hora pode ser tiro n'água.

"Costumo defender muito o ponto de vista dos adolescentes, mas o brasileiro é muito deslumbrado com internet. Fala demais na rede. Mas não tem essa de bloquear pai e mãe", diz o escritor João Pedro Roriz, 31 anos, autor de *Como educar sua mãe* (Editora Wak). "Só que os pais têm que entender que o filho está na rede com seu grupo de amigos. Ficar curtindo tudo e elogiando o tempo todo é algo que não funciona na vida real, nem na vida online. O filho fica danado da vida", afirma Roriz. Senha e loguin não podem ser propriedade privada e exclusiva dos adolescentes e das crianças, defende Roriz.

No caminho rumo ao amadurecimento, nossos filhos não precisarão mais de todos os escudos que colocamos em torno deles. São etapas a serem conquistadas. Entendo que essa privacidade da senha numa rede social faça parte desse processo. A minha tese é a seguinte: rede social é vida pública. E há um momento da vida pública dos nossos filhos que nos dizem respeito quase 100%. E não se rompe socialmente com pai e mãe, a não ser que haja um motivo forte para isso. Não é uma atitude inofensiva como combinar um cinema com os amigos e pedir para os pais pegarem duas quadras longe da vista da galera, embora para os filhos possa parecer o mesmo.

Além do mais, o que está ali não é sigiloso. Seja qual for o motivo que leva os filhos a excluírem os pais, não custa lembrá-los que rede social não é lugar para segredos. Estes devem ser bem guardados e revelados numa velha e boa conversa olho-no-olho com poucos escolhidos. Fica a dica. Não participar de redes sociais é uma decisão cada vez mais difícil de tomar. Diria até inviável. Dizer que basta mandar o filho sair e pronto é apelar para uma daquelas falsas soluções que encurtam o debate e não ajudam em nada, sobretudo os pais adeptos da rede social. As comunidades online são um pequeno filamento dessa teia maior chamada internet, uma invenção que o futuro nos deixou.

Quando você pensa em abandonar alguma rede à qual aderiu, se dá conta de que montou com a ajuda desse instrumento uma poderosa agenda de contatos. Está recebendo mensagens importantes via inbox porque o email, se não caiu em desuso ainda, foi condenado ao ostracismo por muita gente, ainda mais se estiver na casa dos 20 anos. Seu filho se sente da mesma forma, e não nos cabe julgar que mensagens são ou não importantes para ele.

Viramos um pouco reféns dessa história, embora eu conheça várias pessoas que continuam fora da rede muito bem, obrigado. Mas também sei de incríveis experiências viabilizadas pelo contato online. Eu tenho uma dessas incríveis histórias. Recuperei parte importante da família que estava perdida e não se encontrava havia mais de 25 anos. Primos bem próximos se tornaram amigos para sempre. Guardarei lá no fundo da alma uma certa gratidão pelo que a tecnologia (e nossa iniciativa, claro) nos proporcionou.

Então se somos adeptos, vale o exemplo. O que dizemos, postamos e revelamos na rede vai ser um dos parâmetros para o discernimento dos nossos filhos, por mais empenhados que eles pareçam em não nos copiar. Como tudo na vida. Estamos todos navegando sem bússola nesse novo mar. Não há etiquetas claras. Regras são elásticas e caem em descrédito com a mesma rapidez com que os filhos crescem. Lemos aqui e ali opiniões que tentam aprofundar a questão da segurança e da exposição, mas sempre fica uma lacuna.

É cada família por si, não é? Negocie regras para serem seguidas por todos na família. Faça um grande acordo. Não postaremos fotos? Não marcaremos outras pessoas em fotos? Não revelaremos onde passamos nossas férias? Não desmereceremos uns aos outros? Não mandaremos indiretas pela rede? Proponha um debate: para que usamos uma rede social? Os motivos podem até ser diferentes, mas o padrão de comportamento pode ser o mesmo. Vai da consciência, da necessidade, da experiência e do receio de cada um.

Era Dia das Crianças e houve festa no prédio com brincadeiras e churrasco. Estava previsto também lanche para as crianças. Me aproximei da minha filha mais velha querendo saber onde seria o lanche, para onde elas iriam e o que comeriam (mãe sempre quer saber demais). Com um sorriso acolhedor e um olhar que implorava compreensão, a garotinha de 7 anos me respondeu o seguinte:

"Vai ser no salão de festas mas...não precisa ir lá não. Pode deixar que eu levo a minha irmã". Eu disse que nunca tinha sido bloqueada? Oi?

## Os bastidores da prisão de Pizzolato (PAULO MOREIRA LEITE, JANAÍNA CÉSAR e JOSIE JERONIMO)



Conheça os detalhes que cercaram a fuga e a detenção pela polícia italiana do ex-diretor do Banco do Brasil, em Maranello, uma cidade de 15 mil habitantes na Itália

**FIM DE LINHA** - Na quarta-feira 5, Henrique Pizzolato foi encontrado pela polícia italiana em Maranello, na Itália, portando documentos do irmão Celso, morto há 36 anos

**HENRIQUE** Pizzolato – ex-diretor de marketing do Banco do Brasil e um dos condenados no processo do mensalão – tomou a decisão de fugir do Brasil, na noite de 9 de setembro de 2013, em sua espaçosa cobertura em Copacabana, no Rio de Janeiro. A fuga foi resolvida numa conversa entre três pessoas, logo depois que, por unanimidade, o plenário do Supremo Tribunal Federal decidiu rejeitar seus embargos declaratórios, a última chance de reduzir uma pena de 12 anos e 10 meses por peculato, corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Agora, ele está recolhido em uma cela na Casa Circondariale di Modena, no norte da Itália, desde a última quarta-feira 5, quando foi encontrado pela polícia italiana no apartamento de um sobrinho, engenheiro da Ferrari.

Entre os presentes na reunião em que Pizzolato decidiu deixar o País, na condição de foragido, estava a arquiteta Andrea Haas, mulher dele, pequena e enérgica, que passou os últimos oito anos debruçada sobre cada um dos documentos do processo do mensalão. Ela foi a que defendeu a fuga com mais veemência. Em entrevista exclusiva à ISTOÉ, além de contar detalhes da trama, Andrea Haas falou sobre as angústias, os medos e contou como foram os dias na Itália que antecederam à prisão de Pizzolato. “Quando começou tudo isso, a gente caiu num mundo que não conhecia. Não temos mais controle. O Henrique espera que a Justiça italiana seja mais correta e íntegra”, afirmou à ISTOÉ. (leia mais nas páginas 38 a 41).

No encontro decisivo, em Copacabana, há cinco meses, com a voz rouca, Andrea, claro, ainda não sabia o que viria pela frente, embora todos estivessem cientes dos inegáveis riscos. Em dado momento, perguntou: “Vocês acham que temos chance de conseguir alguma coisa aqui?” Quem respondeu, no mesmo timbre, foi Alexandre Teixeira, terceiro presente no encontro, um sindicalista aliado de Pizzolato nas lutas no Banco do Brasil desde a década de 1980: “Do ponto de vista da Justiça, não há mais nada. Acabou.”



**DOLCE VITA** Antes de se refugiar na casa do sobrinho, em Maranello, Henrique Pizzolato alugou uma casa em Porto Venere, uma ilha em Spezia, também na Itália (à esq.). No detalhe, o momento em que a polícia italiana aborda a mulher do ex-diretor do Banco do Brasil, Andrea Haas



Naqueles dias, réus que não tinham direito a apresentar recursos olhavam para o calendário. O ministro Joaquim Barbosa poderia expedir o mandado de prisão para que fossem levados imediatamente para a cadeia. Ou poderia aguardar a etapa seguinte, sobre a aceitação dos embargos infringentes, para tomar uma decisão envolvendo todos os condenados ao mesmo tempo. Quando Pizzolato deixou claro que não iria se manifestar, Andrea não perdeu tempo: "Vou falar como homem. É hora de colocar as cartas na mesa. Pizzolato precisa ir embora."

Alexandre achava que seria possível aguardar um pouco, mas Pizzolato decidiu acompanhar a mulher. A fuga acabou resolvida, assim, por 2 votos a 1, numa viagem de carro que teve início às 3 h da madrugada do mesmo dia. Incluiu uma dieta de água mineral, bananas e barra de cereal, para encerrar-se depois, em Dionizio Cerqueira, cidade de Santa Catarina na fronteira da Argentina. Naquele momento, o plano de deixar o País frequentava as conversas fechadas de outros

condenados, surpreendidos pelas penas duras do STF. Vários amigos disseram a José Dirceu que ele deveria aprontar-se para fugir. Mas Dirceu tivera quatro votos favoráveis no item formação de quadrilha, o que dava esperanças de passar para o regime semiaberto quando os embargos infringentes fossem julgados. Condenado por unanimidade, Pizzolato era um réu em estado juridicamente terminal.

### **A OPINIÃO DA MULHER ANDREA HAAS FOI DETERMINANTE PARA A FUGA DE PIZZOLATO DO BRASIL, DECIDIDA EM 9 DE SETEMBRO DE 2013**

Namorados desde o tempo em que cursavam arquitetura, Pizzolato e Andrea passaram mais de 30 anos na vida sólida de um casal sem filhos para criar e múltiplos sobrinhos para cuidar. Mas tiveram uma crise conjugal feia, durante a CPMI dos Correios. A separação deixou tanto os Haas, gaúchos-alemães, como os Pizzolato, paranaenses-italianos, preocupados e inconsoláveis. Na reconciliação, ocorrida quando Pizzolato não tinha vontade de levantar-se da cama e era humilhado quando ia à padaria, Andrea deixou os afazeres para cuidar do marido. Seu pai, João Haas, advogado, tornou-se um militante em pesquisas sobre a Ação Penal 470, mergulhando em arquivos para procurar contradições e novidades e até publicou textos a respeito.

Após viagens frequentes ao Exterior, Pizzolato e Andrea começaram a se desfazer de um patrimônio de 11 imóveis, formando reservas que seriam transferidas – por vias legais, segundo eles, – para fora do País. Certa vez, Pizzolato ouviu uma ideia alternativa: em vez de deixar o País, poderia residir clandestinamente nele, mas rejeitou a ideia imediatamente. Queria opções para chegar à Itália em segurança. Sem saber qual era a pessoa física a quem se destinava a consulta, um diplomata italiano do Rio de Janeiro sugeriu que, na hora de fugir, ele deixasse o País munido de sua carteira de identidade italiana e, em Assunção, providenciasse a documentação para entrar num voo internacional. Outra possibilidade surgida em conversas era recuperar os documentos de um irmão morto em 1978, Celso, e assumir sua identidade. Prudente ao extremo, Pizzolato fez segredo sobre a opção escolhida.

A fuga de Pizzolato foi tão bem-sucedida, no início, que só seria descoberta em 16 de novembro, quando, em vez de apresentar-se à Polícia Federal, como os outros réus, ele divulgou uma carta na qual dizia que se encontrava na Itália, onde tentaria um novo julgamento, pelas autoridades locais.

### **VIZINHOS DO SOBRINHO DE PIZZOLATO GARANTIRAM QUE ELE ESTAVA NA CASA DE MARANELLO HAVIA DOIS MESES**

Mas, desde então, o cerco a Pizzolato só se fechou. Sua localização foi facilitada quando, a pedido da Polícia Federal brasileira, autoridades argentinas localizaram um “Pizzolato” num voo Buenos Aires-Barcelona em 12 de setembro. O primeiro nome era Celso, e não Henrique, mas a foto tirada na passagem pela alfândega não deixava dúvida: era o condenado da Ação Penal 470 – até com seu bigodinho. Já na Europa, compras com cartão de crédito e outras operações permitiram à polícia italiana chegar cada vez mais perto, até que, na quarta-feira 5, ele foi encontrado e preso por volta das 11 h da manhã pela polícia italiana. Encontrava-se escondido na casa do sobrinho Fernando Grando, que fica na rua Vandelli, em Maranello, uma cidadezinha de 15 mil habitantes localizada na província de Modena. Com ele foram encontrados os documentos falsos, incluindo o passaporte apresentado à polícia contendo a identidade de seu irmão Celso, morto há 36 anos.

Segundo o coronel Carlo Carozzo, do departamento operacional de Modena, existiam muitas pistas sobre o paradeiro de Pizzolato. Inicialmente, acreditou-se que estava em Siena, mas era uma informação falsa. Depois, foi identificada uma casa alugada em Porto Venere, na Spezia, onde ele esteve por um determinado tempo. A casa foi alugada em nome de outra pessoa. Por pouco, Pizzolato não era preso lá. Isso só não ocorreu porque a polícia local não tinha certeza de que estivesse na cidade e não queria queimar uma oportunidade. Ainda de acordo com Carozzo, não foi tão fácil confirmar que Pizzolato residia na casa do sobrinho. “O único movimento era o dele (sobrinho), que entrava e saía todos os dias para ir ao trabalho”, diz Carozzo. A polícia, então, descobriu que os contadores de água e luz continuavam a funcionar, mesmo com o sobrinho de Pizzolato fora do imóvel.

Foi aí que surgiu a ideia de cortar o fornecimento de luz. Naquele momento Andrea Haas, mulher de Pizzolato, abriu a janela e a polícia teve certeza de que estava lá. Segundo Stefano Falvo, comandante da polícia de Maranello, flagrado, Pizzolato ainda resistiu a assumir quem era de fato: “eu sou o Celso, eu sou o Celso”, afirmou. Após constatar que o haviam descoberto, o ex-diretor do Banco do Brasil percebeu que não teria outra saída senão confirmar a verdadeira identidade.

Pela lei italiana o proprietário do imóvel deve estar presente no momento da averiguação da residência. Por isso, uma viatura da polícia ainda teve de buscar Fernando na Ferrari, antes de promover uma devassa no apartamento onde estava Pizzolato. Andrea Haas foi a primeira a ser levada para a estação da polícia. Assim que Fernando entrou em casa, Pizzolato também foi encaminhado à penitenciária. Somente neste momento, a polícia começou a perquisição no apartamento. No imóvel, foram encontrados 14 mil euros, duas malas de roupas, muita comida – como pasta, biscoitos, frutas e cerveja –, dois computadores com acesso à internet e uma dezena de documentos, alguns verdadeiros e outros falsos, entre eles carta de identidade italiana e brasileira, uma carteira de motorista feita na Espanha, alguns cartões de crédito e o passaporte falso.



**NOVA REALIDADE** A penitenciária onde o condenado no processo do mensalão Henrique Pizzolato está preso fica localizada no norte da Itália. Agentes do departamento operacional de Modena disseram que, inicialmente, acreditou-se que o ex-diretor do Banco do Brasil estaria em Siena

Pela apuração da polícia, fazia uma semana que Pizzolato se escondia na casa. Mas vizinhos ouvidos por ISTOÉ garantem que a estada já durava ao menos dois meses. O sobrinho, engenheiro da Ferrari, morava ali desde setembro do ano passado. Pizzolato no tempo em que esteve foragido na casa do sobrinho, não cumpria uma rotina. Saía pouco. “Ele parecia ser muito reservado, não chamava a atenção”, afirmou Giordana Ricchieri, uma das moradoras da vizinhança. Gaetano Ti., dono do supermercado Sigma, que fica em frente ao prédio do sobrinho de Pizzolato, diz que o brasileiro foragido fazia compras em seu estabelecimento desde outubro do ano passado.

O fato de Pizzolato ter sido apanhado com passaporte do irmão, na Itália, pode ter influenciado na decisão da Justiça italiana, na sexta-feira 7, quando negou seu pedido para aguardar o julgamento da extradição em liberdade. Pelo retrospecto, no entanto, Pizzolato tem chances de obter o que pretendia ao chegar a Itália. Os dois países não costumam atender a pedidos de extradição quando envolvem pessoas que têm cidadania no local onde se refugiaram. O advogado Lorenzo Bergami, que defende Pizzolato na Itália, disse, na sexta-feira 7, que o ex-diretor do Banco do Brasil explicou à Justiça que foi condenado no Brasil em um “processo político”.

**PAULO MOREIRA LEITE, JANAÍNA CÉSAR e JOSIE JERONIMO** escrevem periodicamente para esta publicação. **Revista ISTO É, Fevereiro de 2014.**

## "Ninguém queria deixar o Brasil. Mas era preciso achar uma saída".

(PAULO MOREIRA LEITE e JANAÍNA CÉSAR)

Mulher de Henrique Pizzolato recebe ISTOÉ em Modena, na Itália, fala sobre suas angústias, critica a Justiça brasileira e acusa o PT de nunca ter enfrentado o mensalão de frente



**FIM DO SILÊNCIO - Andrea Haas, mulher do ex-diretor do Banco do Brasil Henrique Pizzolato, chega ao escritório de seu advogado na sexta-feira 7, horas antes de conceder a entrevista à ISTOÉ**

**EM MODENA**, na Itália, eram cinco horas da tarde da sexta-feira 7 quando Andrea Haas, mulher do mensaleiro Henrique Pizzolato, terminou uma reunião com seus advogados. Ela acabara de receber a notícia de que o marido permaneceria na cadeia, pois o pedido de liberdade provisória lhe fora negado. Ali mesmo, no escritório, concordou em receber a reportagem de ISTOÉ. Nos primeiros dez minutos da entrevista, Andrea quase não conseguia articular as respostas. Suas mãos tremiam – fruto do nervosismo provocado pela constatação de que o plano de fuga do ex-diretor de marketing do Banco do Brasil deu errado. E a certeza de que a Justiça italiana o trataria melhor do que STF também já não era a mesma. O posicionamento de Andrea foi determinante na decisão de Pizzolato deixar o Brasil. Durante a entrevista, ela reafirma que não vislumbraram outra saída a não ser fugir do País. Andrea, no entanto, se recusou a esclarecer como

foram falsificados os documentos usados por Pizzolato, não comentou sobre a situação financeira do casal na Europa e nem explicou por que razão ele votou em nome do irmão nas eleições de 2008, quando a prisão dos mensaleiros ainda não estava na agenda política brasileira. A tensão de Andrea só diminuiu quando ela começou a comentar a atuação do marido no Banco do Brasil e a criticar os ministros do STF.

**ISTOÉ – Vocês imaginavam que essa prisão pudesse ocorrer agora?**

**Andrea Haas** – Não. Não estávamos esperando por isso.

**ISTOÉ – Mas a televisão mostrou que vocês ficavam com as luzes apagadas, com janelas fechadas, como se estivessem sabendo que poderiam estar sendo monitorados.**

**Andrea** – As pessoas esquecem que estamos no inverno e por isso as janelas ficavam fechadas.

**ISTOÉ – Por que vocês decidiram fugir do Brasil?**

**Andrea** – Isso aconteceu quando ficou claro que não havia mais saída jurídica para nós. É claro que, se fosse possível escolher, não queríamos sair do Brasil. Ninguém queria deixar o País. Mas era preciso achar uma saída. Temos um monte de sobrinhos e queríamos ver o crescimento de todos eles. Também gostamos de morar no Brasil, de encontrar os amigos. Nossa vida está lá. Mas eu aprendi com meu pai que não podemos nos submeter. Nós não podemos nos submeter aos erros da justiça brasileira. Podemos até morrer, mas não podemos deixar de procurar uma saída, porque sempre existe uma saída na vida. Por isso decidimos sair do Brasil. Querem roubar nossa dignidade. Queremos uma saída. Queremos sobreviver. Temos esse direito.

**ISTOÉ – A senhora acha que a Justiça italiana será melhor para Henrique Pizzolato do que a brasileira?**

**Andrea** – Não sei. Não conheço. Até agora o governo brasileiro não enviou o pedido de extradição. Não sabemos o que vai acontecer, pois é a partir daí que as coisas podem se mexer. Mas já vi uma diferença importante.

**"Querem roubar nossa dignidade. Queremos sobreviver. Temos esse direito"**

**ISTOÉ – Qual?**

**Andrea** – Na Itália os julgamentos não são televisionados. São feitos por três juízes, a portas fechadas.

**ISTOÉ – Por que isso seria bom, no entendimento da senhora?**

**Andrea** – As pessoas falam no Brasil que a televisão no julgamento é algo democrático, mas não é nada disso. Ela mostra os ministros falando, mas não mostra os documentos. Não mostravam as provas, o que estava por trás daquilo. Então era só um lado. Que transparência é essa? É uma grande hipocrisia. O Henrique (Pizzolato) deu um depoimento televisionado pela TV. Foi um espetáculo. Só isso.

**ISTOÉ – Como a senhora se sente depois da prisão de Pizzolato?**

**Andrea** – Eu me sinto arrasada. Você deixa de ser dono da sua vida. O Henrique está angustiado e decepcionado. Esperamos que justiça italiana seja mais correta e íntegra. Na União Européia, os direitos humanos e o amplo direito de defesa são garantias fundamentais. Hoje, a vida do Henrique não é mais dele. Quem manda em tua vida são os advogados, os juízes, os jornalistas. Quando começou tudo isso, a gente caiu num mundo que não conhecia, não temos mais controle. Você descobre que a verdade pouco importa. O que importa são os interesses políticos, o interesse material. É uma grande angústia, uma grande decepção.

**"O Henrique pizzolato sempre foi CDF. Sempre fez tudo direitinho e certinho"**

**ISTOÉ – Você se sentiram sozinhos nos dias que antecederam à prisão?**

**Andrea** – O tempo inteiro. Não me sinto abandonada porque, apesar de tudo, não sou vítima. Olhamos para a frente. Estamos enfrentando todos os obstáculos. Conseguimos sobreviver. Todo o dia eu tenho que convencer as pessoas. Tento mostrar o que aconteceu, mas é como se estivesse diante de uma avalanche de mentiras. Isso não é viver. Ninguém quer perder 5 minutos de seu tempo para saber a verdade.

**ISTOÉ – Como a senhora avalia o comportamento do PT em relação ao Henrique Pizzolato durante julgamento do mensalão?**

**Andrea** – Eu acho que ao longo do julgamento muitas pessoas fingiam não ver o que estava acontecendo. Elas achavam que não seriam atingidas e não queiram se envolver. Eu também ajudei a formar esse partido. Mas eu acho que o PT nunca soube enfrentar esse processo de frente. Deixou-se carimbar.

**"O PT nunca soube enfrentar esse processo de frente. Deixou-se carimbar"**



**ISTOÉ – De uma forma ou de outra, a senhora teve contato com advogados, com pessoas que entendem de Direito. Quais impressões eles têm do julgamento do mensalão?**

**Andrea** – Eles estão muito impressionados com o fato de que os réus não puderam ter um segundo grau de jurisdição. Isso é o que mais incomoda. Este é um direito que existe no mundo inteiro. Quando ouvem falar sobre isso eles dizem que é muito estranho. Um outro ponto que incomoda é a noção de que foi um julgamento político.

**ISTOÉ – Mas no julgamento no STF, alguns ministros disseram que os embargos poderiam ser considerados um segundo julgamento...**

**Andrea** – O Henrique só teve direito aos embargos de declaração. Isso aconteceu com outros réus também. Toda vez em que se tentava questionar o mérito de alguma decisão, um juiz dizia que essa fase já havia passado e ponto final. Se não dava para julgar o mérito, como se poderia dizer que eram uma revisão? E foi apenas isso que o Henrique pode apresentar.

**ISTOÉ – O que mais incomodou no julgamento?**

**Andrea** – O Henrique sempre foi um C. D. F. Sempre fez tudo direitinho e certinho. É um sujeito organizado. Você pode ver a história dele. De repente ele está preso, acusado de ter desviado R\$ 73 milhões do Banco do Brasil...

### **"O Pizzolato não mudou as regras do marketing para favorecer o PT"**

**ISTOÉ – A senhora poderia explicar o que, em sua avaliação, há de errado nessa acusação?**

**Andrea** – Não houve desvio. Basta ler a auditoria do Banco do Brasil para concluir que não houve desvio. Os gastos declarados foram feitos. Estão lá, com recibos e notas fiscais. E são gastos com empresas de comunicação, com publicidade que saiu na televisão, nos jornais, nas revistas. A auditoria mostra qual veículo recebeu tal verba, qual veículo recebeu a outra verba. Se não fosse verdade, eles poderiam ter denunciado a fraude. Mas os anúncios estão lá, foram publicados. Você acha que se alguém tivesse desviado R\$ 73 milhões de reais da Visa, empresa que é dona do Fundo Visanet, ela não

teria aberto uma investigação para apurar o que tinha acontecido? Você acha que se tivessem sumido R\$ 73 milhões do Banco do Brasil não teria sido aberto um inquérito interno para se apurar o que tinha acontecido?

### **ISTOÉ – Mas como ministros que estudaram tanto o caso puderam errar como a senhora diz?**

**Andrea** – O Joaquim Barbosa citou uma auditoria de 2004 para dizer que o Henrique mudou algumas regras no marketing. Você ouve a colocação dele e tem certeza de que essa mudança foi feita para piorar o controle, para favorecer o PT. Mas é não é verdade. O Pizzolato não mudou as regras do marketing para favorecer o PT. A auditoria elogia o trabalho do Henrique. Fala que depois das mudanças que promoveu, os procedimentos ficaram melhores, o controle ficou mais eficiente. Teve um ministro que disse que o ônus da prova cabe ao acusado. Era tão absurdo, tão primário para se dizer num julgamento, que achou melhor suprimir a frase nos acórdãos. Também se disse que, embora não tivesse apoio em provas, era possível condenar um dos réus com base naquilo que diz a literatura jurídica. A discussão sobre gastos públicos foi e voltou na sentença de muitos juízes.

---

**PAULO MOREIRA LEITE e JANAÍNA CÉSAR** escrevem periodicamente para esta publicação. **Revista ISTO É, Fevereiro de 2014. Foto: Mário Camera/Folhapress.**

## **A família brasileira (GREGORIO DUVIVIER)**

**MAIO** de 2034: Duas décadas após o célebre beijo gay de Mateus Solano e Thiago Fragoso em "Amor à Vida", as novelas finalmente deram outro passo significativo. Ontem, pela primeira vez na história, um personagem fumou um baseado na Rede Globo. Foi na novela "Paixão pelo Pecado", de João Emanuel Carneiro. A grande novidade chocou os conservadores. "É a ditadura do baseado", clamou o líder da bancada evangélica. O que mais chocou a opinião pública foi o personagem "maconheiro" não morrer logo após fumar maconha. Associações cristãs estão processando a Globo por calúnia e exigem que o personagem morra para dar exemplo. O autor disse que o personagem irá morrer, mas não de maconha.

**Agosto** de 2057: Mais de vinte anos após o primeiro baseado, a Rede Globo volta a chocar a opinião pública. Ontem, em "Flerte Fugaz", nova novela das onze, pela primeira vez um personagem fez um aborto e não se arrependeu. Jamilly, interpretada por Marina Ruy Barbosa, fez um aborto seguro e saiu da clínica com um sorriso no rosto, aparentando estar satisfeita. Gabriel Esteves, autor da trama, afirma que não é sempre que o aborto é sucedido de desespero e vontade de se matar. Marina Ruy Barbosa se pronunciou contra o "aborto sem arrependimento". "Nunca fiz um aborto, mas, se fizesse, me arrependeria", afirmou em seu Twitter. Conservadores especularam que a cena teria sido financiado por grandes entidades abortivas. O Projac amanheceu pichado com os dizeres "é a ditadura do aborto".

**Janeiro** de 2081: Em sua primeira novela exclusivamente para a web, a Rede Globo inovou. Em uma cena entre jovens, um deles pronunciou a palavra "Google". É a primeira vez que a Rede Globo usa o termo, apesar de já estar dicionarizado desde 2015. Antes do episódio personagens de novela se referiam ao Google como um "site de busca". Conservadores indignados afirmaram se tratar de um merchandising disfarçado, já que a emissora faz parte do grupo Google. O autor Manoel Carlos, último remanescente da velha guarda da emissora, pediu desculpas ao público conservador mas afirmou se tratar de uma tendência. "A novela é um retrato da vida, e a vida está cheia de marcas". Em seguida, afirmou estar estudando usar as palavras "Facebook" e "YouTube", ao invés do costumeiro "redes sociais". Críticos afirmaram se tratar de um lobby das grandes corporações para a dominação mundial. "A família brasileira não está pronta para isso. É a ditadura do Google", afirmou o cardeal em seu Twitter.

---

**GREGÓRIO DUVIVIER** é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## **A erva daninha (LUIZ FELIPE PONDÉ)**

**QUE** tal nesse início de 2014 todos os motoristas de automóveis privados deixarem seus carros em casa e irem de ônibus para o trabalho e para a faculdade? Ah! Melhor ainda: levar e buscar seus filhos na escola. Que tal tomar de assalto o busão para também terem o direito de usar as faixas de ônibus da cidade? Faixas estas que destruíram o já frágil equilíbrio do trânsito de nossa cidade.

Claro, cara-pálida, que um bom transporte coletivo é essencial para uma cidade como São Paulo. Isso nada tem a ver com essas faixas sem planejamento prévio. Quando se tem um bom transporte coletivo, as pessoas usam menos o carro. Aqui, o transporte coletivo é domínio dos mais pobres, porque eles não podem comprar carros. Quando podem, compram feito loucos. Resolver o problema do transporte coletivo nada tem a ver com espremer os carros em faixas minúsculas nas ruas.

Uma manifestação dessa traria abaixo o populismo da prefeitura com suas faixas de ônibus. Claro que os ônibus iriam explodir de gente, as filas iriam dobrar as fronteiras do Estado, as brigas para entrar no ônibus iriam ficar para a história, as pessoas iriam chegar atrasadas ao trabalho, a economia iria para o saco (mas tudo bem, porque ninguém precisa de economia, só de dogmas políticos populistas).

Zygmunt Bauman, sociólogo famoso, em um de seus clássicos, "Modernidade e Ambivalência", fala do Estado moderno como "Estado jardineiro". A característica desse tipo de Estado é decidir quem é flor e quem é erva daninha. Claro que essa discussão se dá dentro das consequências totalitárias do Estado moderno. Quanto mais "jardineiro", maior o risco de ser autoritário. Nossa prefeitura é jardineira, e os motoristas (incluindo os taxistas) são sua erva daninha.

Os motoristas viraram a erva daninha da cidade. Ciclistas já os odiavam quando passavam com seu ar de santo ecológico pelos pobres coitados dos motoristas que não moram numa "pequena Amsterdã", como a moçada da classe média alta que mora perto do trabalho ou da "facul", ou que tem um trampo fácil, sem horas duras, ou ganha muito bem ou tem grana de outra fonte e então pode ir de bike para o trabalho ou para a "facul". Quem anda de bike para salvar o planeta é playboy light.

Agora as faixas de ônibus decretaram a ilegitimidade de ter carro. Motorista de carro aqui logo será tratado a pauladas pela cidade. Mas está na moda no Brasil o uso de termos como "casa-grande e senzala" (usando de forma equivocada o conceito de Gilberto Freyre) para contaminar o país com ódio de classe (para ressuscitar o finado conceito de luta de classes) ou ódio de raças. Isso vai dar em coisa ruim muito em breve.

O ódio ao motorista virou demonstração de consciência social e ambiental - outro modismo contemporâneo. Esquece-se que essas pessoas são cidadãs como todas as outras. Que pagam impostos exorbitantes para comprar os carros e IPVA todo ano. Pagam IPVA, mas logo não terão direito de andar de carro pela cidade. Nada de novo no front: os brasileiros estão acostumados a pagar impostos e não ter nada em troca. E mais: é o próprio governo federal que estimula a compra de carros adoidado e sustenta seus índices de "sucesso" econômico na compra de carros. Que tal parar de pagar IPVA, já que os motoristas não têm mais o direito de andar na rua?

Claro que a playboizada que gosta de estimular ódio social vai dizer que motorista de carro não deve ter direito nenhum porque é parte das "zelite". Mentira: a maioria dessas pessoas corre de um lado para o outro para trabalhar, estudar, levar filhos à escola e cumprir suas obrigações. E agora viraram a erva daninha da cidade.

Tudo muito bonitinho, mas os mais pobres sonham em comprar seus carros para poder levar sua mina para passear. O Brasil sempre foi um circo. Agora, com uma nova dramaturgia cômica: inauguramos o circo com pautas sociais. As ruas de São Paulo viraram um picadeiro. E nós, os palhaços. Desgraçadamente, a América Latina é o único continente que ainda leva a sério esse papinho de luta de classes. Somos atrasados e vamos ser sempre a vanguarda da política como circo.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). [ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## **Proibido para "coroas" (ARNALDO NISKIER)**

**VIVEMOS** todo tipo de preconceito. De cor, status social, sexo, religião e até um discreto deboche contra os baixinhos. Agora, parece que se arma no horizonte uma animosidade contra os mais velhos, que costumamos chamar carinhosamente de "coroas". Isso se revela exatamente onde o mundo demonstra os maiores avanços científico-tecnológicos, que é o campo da tecnologia da informação (TI), nos países desenvolvidos.

Fomos surpreendidos com a informação de que jovens de 13 a 17 anos demonstram os primeiros sinais de cansaço em relação ao uso do Facebook, notável criação de Mark Zuckerberg, hoje com mais de 1 bilhão de usuários. A explicação é muito simples: "Os coroas" estão dominando a tecnologia. Se eles querem, devemos sair para outra."

É claro que já existe a alternativa. Trata-se do Snapchat, utilizado para o envio de vídeos e imagens em geral que desaparecem instantes após ser vistos. Na verdade, os jovens se encantam por um grande número de aplicativos, como o WhatsApp, o Instagram (em grande progresso), o Vine (mensagens de seis segundos, comprado pelo Twitter), o Ask.fm (perguntas e respostas) e o Tumblr, que é um sistema de blog para enviar textos, imagens e vídeos que podem ser republicados por outros usuários.

Como se vê, a variedade é grande e inestancável para a fértil e lucrativa criatividade dos grandes cientistas. É natural, pois, que os aplicativos sejam substituídos por outros mais modernos – e, com isso, a garotada se diverte, ampliando o uso das maquininhas. Os idosos são mais conservadores. Eles gostam de fazer as suas refeições familiares sem o emprego concomitante dos incríveis tablets e celulares. Os jovens, mesmo contrariando a orientação dos pais, dividem suas atenções durante almoços e jantares, apertando as teclas entre uma garfada e outra. As broncas são comuns, pois o fenômeno altera os procedimentos da família. Os diálogos têm ficado escassos, senão nulos com essas novidades das redes sociais.

O tema chegou às escolas. Em muitas delas, a direção proíbe o uso dos celulares em sala de aula, a fim de não desviar a atenção das explicações insubstituíveis dadas pelos professores. Os conhecimentos que podem ser hauridos do Google, por exemplo, para enriquecer o conteúdo das aulas devem, sim, ser colhidos, mas em casa, nas horas destinadas aos estudos. Em sala de aula, não pode haver competição com os professores. Escolas famosas como a de Harvard passam deveres que eventualmente requerem recursos on-line, mas, em sala, os mestres usam o tempo nas explicações concernentes.

Assim se cria uma nova harmonia na relação ensino/aprendizagem. As aulas lineares e sequenciais ganham contornos mais modernos e proveitosos. Voltando ao Facebook, um indiscutível sucesso, inclusive de faturamento com os pródigos anúncios, não há que se estranhar que os jovens comecem a se cansar do seu uso indiscriminado, buscando alternativas. Essa inquietação é própria da idade. E é certo que o ciclo de vida das redes sociais tem limitações. É natural que se busquem inovações.

---

**ARNALDO NISKIER**, 78, doutor em educação, é membro da Academia Brasileira de Letras, presidente do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) no Rio de Janeiro e autor de "Educação Limpa". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## **Memória e tecnologia (ROSELY SAYÃO)**

**EU ESTAVA** em um aeroporto esperando meu voo quando tive a oportunidade de testemunhar uma cena que me fez pensar bastante. Um garoto de mais ou menos 10 anos andava para lá e para cá muito aflito, sem saber para onde ir, e sua expressão facial mostrava que ele estava prestes a cair no choro. Assim que eu percebi o fato, caminhei em sua direção para tentar ajudar, mas um casal chegou antes e pude ouvir a conversa deles.

O garoto estava no aeroporto acompanhado de um amigo e dos pais dele porque eles iriam viajar para uma praia. Ele havia saído de onde estava acomodado para comprar um lanche e não conseguiu mais encontrar o grupo. Você já reparou, caro leitor, que shoppings, aeroportos, lojas de departamentos etc. são locais quase todos iguais, sem características próprias? Por isso é tão difícil para uma criança voltar ao mesmo lugar de onde saiu: porque como tudo é muito parecido, ela não consegue identificar onde estava.

Mas agora é que chega a parte mais interessante para refletirmos. O casal aquietou o garoto e disse que bastava o menino informar o número do telefone do amigo que eles ligariam para ele. O garoto, que tinha um celular e o deixara com o amigo, não sabia de memória nenhum número, nem o seu. "Está tudo no meu celular", justificou. Claro que, com a ajuda do casal, não foi difícil o garoto se reunir com o seu grupo. O fato, porém, me deu o que pensar. Imediatamente lembrei-me que, quando criança, meus pais me fizeram decorar a seguinte frase: "Meu nome é Rosely Sayão, eu moro na Rua Jaceguai, 462, São Paulo, Capital". Eles achavam São Paulo uma cidade em que uma criança se perderia com muita facilidade e, cuidadosos, tentaram garantir que eu tivesse informações para que, caso eu me perdesse deles quando fora de casa, tivesse condições mínimas para encontrá-los.

Hoje, com tantos recursos tecnológicos, delegamos a esses aparelhos maravilhosos muito do serviço que fazíamos antes da existência deles. Ao pensar nisso, tentei me lembrar do número dos telefones de amigos próximos e de parentes e tudo o que consegui foi me lembrar de quatro ou cinco números, que nunca mudaram. Os outros estão memorizados pelos meus aparelhos. Pensei em quantas coisas deixamos de ensinar às crianças, porque a tecnologia resolve isso por nós. Não mais ensinamos a elas, por exemplo, que é muito perigoso abrir a porta do carro em movimento, porque elas estão protegidas pelas travas; não as alertamos para os riscos de uma queda de local alto, porque elas estão protegidas pelas grades, e assim por diante. Não ensinamos mais as crianças a memorizar números de telefones, porque os aparelhos têm cada vez mais memória, justamente para guardar o que antes era responsabilidade da memória humana.

Mas, quando deixamos a cargo do funcionamento dos aparelhos essas e outras tarefas, não consideramos que a vida é feita de falhas - humanas e mecânicas - de inesperados, de acontecimentos inusitados. E, que nesses momentos, o que conta é o conhecimento que a pessoa guardou consigo. Em educação, os detalhes são importantes. Por isso, pode ser necessário considerar ajudar os mais novos a perceber a importância da memorização de informações que a família considera importante e do auto cuidado, que inclui as noções de risco e de auto proteção. Afinal, aparelhos falham.

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## **Rolezinhos (CONTARDO CALLIGARIS)**

**NA EUROPA** da minha juventude, não havia shopping centers --e, se não me engano, isso não mudou. Havia, isso sim, lojas de departamentos: a Rinascente em Milão, Harrods em Londres e, em Paris, o Bazar de l'Hôtel de Ville, a Samaritaine, as Galeries Lafayette, o Bon Marché.

As lojas de departamentos são os primeiros grandes templos do consumo, como Zola contou deliciosamente no "Paraíso das Damas". Nelas, pode haver um café/restaurante no último andar, mas não há uma área de alimentação, nem cinemas, nem teatros: são lugares funcionais - para comprar, não para passear. Ninguém, em Milão, teria a ideia de dar um rolê na Rinascente. O rolê seria no Corso Vittorio Emanuele, fora da loja.

Em Manhattan também há lojas de departamentos (Saks, Lord and Taylor, Bergdorf, Barneys, Bloomingdale's, Macy's etc.), mas não são lugares para rolê --eventualmente, para expedições quase militares em dia de liquidações anuais. O único shopping center de Manhattan é o Manhattan Mall, do qual, aliás, os nova-iorquinos tendem a fugir.

Nas áreas suburbanas e rurais dos EUA, os shopping centers se parecem com os do Brasil. Mesmo assim, foi no Brasil que eu aprendi que dar rolês em shopping é um programa. Passeamos pelos shoppings, e não é para comprar nem para

lamber vitrines. Por quê, então? Uma amiga me diz que ela passeia pelos shoppings para ter a impressão de estar fora do Brasil, ou seja, num espaço público que não seja ansiógeno e violento. Claro, é uma ilusão fugaz; basta olhar para as vitrines para constatar que tudo é brutalmente mais caro do que no exterior - pelos impostos, pela produtividade medíocre ou pela corrupção endêmica, tanto faz. Mesmo assim, insiste minha amiga, a ilusão de civilidade é um alívio.

Hoje, à brutalidade de impostos, corrupção e mediocridade produtiva acrescentam-se os "rolezinhos" dos jovens da periferia. O que eles querem, afinal? Talvez eles gostem de apavorar. Não seria de se estranhar. É um axioma: para quem vive na incerteza (de seu status, do reconhecimento dos outros, de seu lugar no mundo), apavorar é um jeito de encontrar no medo dos outros uma confirmação de sua própria relevância. Apavoro, logo existo: espelho-me na preocupação dos segurancas e na cara fechada dos clientes que voltam correndo para o estacionamento.

Mas apavorar é um efeito colateral. Os jovens dos "rolezinhos" pedem sobretudo uma bola branca: a admissão ao clube. A prova, a roupa que eles preferem e que grita para ser reconhecida como luxo. Tudo bem, alguém perguntará, eles pedem acesso a quê? À classe privilegiada? Ao consumo de quem tem grana? Não acredito em nada disso, aposto que eles pedem acesso ao próprio lugar para o qual eles vão: eles pedem acesso ao shopping. O que esse lugar tem de mágico? De desejável? Qual é seu valor simbólico?

Na nossa cultura (justamente pela quase inexistência de espaços públicos minimamente frequentáveis, ou seja, pelo horror que a rua é para todos, ricos e pobres), os shoppings integram a lista histórica dos refúgios. Ao longo da história, nem todos os refúgios foram democráticos. Na época de minha adolescência, discutia-se para saber quem ganharia um lugar no refúgio antiatômico (os critérios eram variados, mas, por exemplo, a idade avançada não era um ponto a favor). Mais tarde se discutia para saber quem subiria na única nave espacial que levaria um grupo seletivo para outro planeta, visto que a morte da Terra ou do Sol era próxima e inelutável - apreciem minha coragem: para as duas seleções, escolher ciências exatas seria uma vantagem considerável.

Mas, antes disso tudo, houve uma época em que os refúgios eram abertos. Por exemplo, as igrejas em épocas de pestilência ou de invasão por exércitos saqueadores: todos podiam entrar. Duvido que eles acreditassem numa intervenção milagrosa que salvasse a todos, mas a própria civilidade do ato de rezar em comum era provavelmente um gesto de resistência contra a barbárie, que reinava lá fora.

Agora, o primeiro refúgio da história foi elitista: na Arca de Noé, era só um casal por espécie, e uma família de humanos, a do próprio Noé. Falando nisso, como é que funcionou a Arca de Noé? Os lobos, as hienas, os chacais etc. declararam trégua e comeram só suculhos durante o tempo das águas ou então, irresistivelmente, eles comiam um cordeiro ou um bezerro de vez em quando?

---

**CONTARDO CALLIGARIS**, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## O 'paparazzi', a 'Campus Párie'... (PASQUALE CIPRO NETO)

**O MONUMENTAL** Eça de Queirós dizia que tinha obrigação de falar muito mal todas as línguas, exceto o português. É claro que não se pode levar ao pé da letra a hipérbole de Eça, mas é justamente pela hipérbole que se capta a essência do que o grande Mestre queria dizer com a sentença. Morro de rir (e/ou de chorar) cada vez que vejo gente da TV ou do rádio se descabelar para pronunciar palavras inglesas e, ao mesmo tempo, não dedicar o mesmo cuidado a palavras de outras línguas. Será que cabe aqui o pensamento de outro grande Mestre, Nelson Rodrigues, que falava do nosso complexo de vira-lata?

No último domingo terminou em São Paulo a Campus Party, evento dedicado às últimas novidades da informática etc. Muitos profissionais da TV e do rádio tentaram pronunciar à inglesa (ou terá sido à estadunidense?) o nome do evento, ou melhor, o segundo nome do evento --"party", que virou algo como "párie" ou "pári", com o "r" um tanto frouxo. O que intriga é que a primeira palavra ("campus") não foi lida como a pronunciam os anglófonos, mas como a diz qualquer brasileiro...

Não tenho rigorosamente nada contra a pronúncia ou a tentativa de pronúncia correta de palavras estrangeiras, desde que isso valha, pelo menos, para as línguas que têm alfabeto semelhante ao nosso. Quando ouço na TV ou no rádio alguém referir-se ao ainda presidente do Chile como se ele fosse inglês ou estadunidense, vejo que se altera a "regra". O chileno SebastiAn é SebastiAn; não é SebÁstian (Piñera).

Vejamos o caso da já universal palavra italiana "paparazzo". É comum ouvir-se alguém dizer "um paparazzi", o que, ao pé da letra, é a combinação de um termo português no singular ("um") com um italiano no plural ("paparazzi" é plural de "paparazzo"). Detalhe: por aqui, o grupo "zz" é lido como se lê o "z" do português; em italiano, isso equivale a algo como "ts" ("paparatsso", no singular, e "paparátsi", no plural). Ora, quem é que tem obrigação de saber como se faz o plural e como se pronuncia o "z" na língua de Dante? Não é por acaso que, em português, usamos no singular (e com acento agudo) a dicionarizadíssima palavra "ravióli", que, em italiano, não tem acento e é do plural ("ravioli" é o plural de "raviolo"). Em português, o plural, mais que lógico, é "raviólis".

Por que será que "subvertemos" a morfologia e a pronúncia do italiano (e de outras línguas), mas nos esforçamos loucamente para não derrapar no bendito inglês? Será que argentinos e espanhóis agem melhor do que nós quando simplesmente pronunciam tudo à espanhola? É famosa a história de um brasileiro que entrou numa loja em Madri e pediu um CD do U2 (com pronúncia à inglesa). O vendedor franziu a testa e disse que desconhecia o artista. O nosso patrício não se fez de rogado e saiu sozinho à caça do CD. Quando encontrou os discos do grupo irlandês, apanhou um CD e mostrou-o ao vendedor, que, de imediato, exclamou \_em espanhol, é claro: "Ah! Usted queria U Dos?!". Sim, argentinos e espanhóis dizem "U Dos".

Nem 8 nem 80, creio, mas essa coisa mais do que chata de anglicizar a pronúncia de tudo e mais um pouco já deu o que tinha de dar, não acha? Que mal teria causado pronunciar "Campus Party" sem a ridícula frescura anglicizante? No dia em que pararem de chamar o ex-jogador italiano Paolo (que se lê "Páolo") Rossi de "Paôlo" talvez diminua o incômodo causado por bobagens como a "Campus Párie". É isso.

---

**PASQUALE CIPRO NETO** é Professor de português desde 1975 e também colunista semanal desta publicação. É o idealizador e apresentador do programa *Nossa Língua Portuguesa*, transmitido pela Rádio Cultura (São Paulo) AM e pela TV Cultura, e do programa *Letra e Música*, transmitido pela Rádio Cultura AM. E-mail: [inculta@uol.com.br](mailto:inculta@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## Juventudes e lazer (MARIA ALICE SETUBAL)

**Parece inócuo discutir os "rolezinhos" de forma isolada e desarticulada, já que as desigualdades estão expressas em outras dimensões**

**VIVEMOS** a era do excesso de estímulos e do consumo, da exacerbação da percepção e do instantâneo. Os jovens de diferentes classes e segmentos sociais são expostos a uma avalanche de informações mediada pelo discurso dos meios de comunicação e convivem com uma diversidade de recursos visuais e auditivos.

Diferentes estudos têm indicado de que forma esse contexto define novas formas de inserção dos jovens na sociedade contemporânea. Eles querem ter liberdade na busca das aprendizagens que lhes pareçam significativas e adequadas. Procuram colaboração em seus relacionamentos e querem integrar lazer e jogos ao trabalho e aos estudos.

Algumas questões precisam emergir: como jovens moradores das periferias, que passaram a ter acesso a essas informações e valores, vivenciam essas experiências? Qual cidade queremos e quais políticas públicas para as juventudes podem responder a esses questionamentos? As respostas não estão prontas. É necessário profundo conhecimento sobre como as desigualdades se manifestam e um debate amplo para superação desse cenário.

Os "rolezinhos" têm sido objeto de análises e propostas que enfatizam a necessidade de criação de espaços de lazer para a juventude. No entanto, me parece inócuo discutir esse tema de forma isolada e desarticulada, já que as desigualdades estão expressas em outras dimensões. A articulação das políticas de educação, cultura, saúde, segurança e trabalho, entre outras dimensões, é imprescindível para a efetividade das políticas para as juventudes. Estabelecer conexões entre o local e o global, reconhecer as aspirações e anseios das diversas juventudes que compõem esse segmento e diagnosticar as potencialidades dos territórios são pressupostos.

Ações empreitadas por organizações da sociedade civil podem nos dar valiosos insumos para formulação de políticas. Um dos principais diferenciais está na concepção dos projetos em que os jovens são coautores de ações junto às suas comunidades. Outro aspecto relevante é a apropriação da cidade como central na formação de jovens. Destaco os programas Jovens Urbanos, coordenado pelo Cenpec; Mundo Jovem, Jovem Comunica e Luteria, da Fundação Tide Setubal; Virando o Jogo, da Fundação Gol de Letra; e Rede Potiguar de Televisão Educativa e Cultural, do Centro de Documentação e Comunicação Popular. São exemplos da possibilidade de se mudar a lógica do "fazer para" para o "fazer com", o que faz toda a diferença.

Aprender com esses projetos significa caminhar para a construção de uma cidade sustentável e educadora, que requer a instauração de processos de escuta, de participação efetiva de todos os segmentos da sociedade, considerando-se as estratégias proporcionadas pelo advento das tecnologias e das novas formas de participação. A equação entre a construção de uma nova lógica para a cidade e a integração das políticas da juventude que levem em conta os anseios de liberdade, protagonismo, lazer e o estabelecimento de relacionamentos parece ser o rumo para combater as desigualdades e o preconceito e discriminação delas decorrentes.

---

**MARIA ALICE SETUBAL** é doutora em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e presidente dos conselhos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) e da Fundação Tide Setubal. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## Acima de mim (FRANCISCO DAUDT)

**SUPEREGO**, conceito de Freud, é tradução latina do alemão corrente (das überich; le surmoi) e tem uma história evolutiva fascinante. Qualquer mamífero, em graus variados de complexidade, tem um programa mental para detectar perigo e oportunidades. Nasce com eles, nasce conosco, faz parte dos programas herdados nos genes.

Somos capazes de entrar em contato com suas origens primitivas se encontramos uma cobra no caminho. "Algo", mais forte do que nós, aciona um pânico imediato. Observo o Flap (cão da minha filha) e vejo seu programa perigo-oportunidade funcionando de maneira complexa. Ele bajula, se submete, pede atenção - na parte da oportunidade - e se enfia debaixo da cama à simples menção de "banho" (perigo).

Mas nada se compara ao nosso programa de base e à sofisticação que ele desenvolveu. Pelo fato de sermos bichos capazes de consciência e reflexão, além de absorvermos ensinamentos como nenhum outro, o nosso Superego vai se tornando mais e mais complexo pela vida afora. Para evitar o perigo, ele desenvolve busca de controle. Para controlar, ele passa a buscar sentido em tudo, a procurar entender e dominar o funcionamento do mundo.

Um dos primeiros exemplos disso é também a primeira mostra de consciência em nossa espécie: nossos ancestrais perceberam que, assim como seus pares, eles também iriam morrer, logo, era preciso controlar a morte. Aí começaram os ritos fúnebres e as mitologias de vida após a morte, comum em todas as religiões desde então. Já se vê que o medo pediu controle, o controle inventou uma história que explicasse o perigo, a história ganhou status de crença inabalável. Estava inventado o dogma: algo "Acima de mim" que não aceita questionamentos.

Como eu justamente estou questionando o dogma, por contar sua história, prevejo rancores levantados nos que o defendem. Lembro então que, mesmo para os religiosos, a teologia anda no fio da navalha entre a fé e a heresia. Mas a evolução não parou por aí. Agora o programa é algo "Acima de mim", descolado do Eu, que olha para ele com reverência e temor. Não por acaso muitos religiosos se proclamam "tementes a Deus" (têm medo dele e o reverenciam no mesmo termo).

Outra atribuição dada ao Superego é seu caráter de perfeição ideal e pureza absoluta, diante da qual estamos sempre em falta, sempre abaixo. Platão, o filósofo grego de há 2400 anos, formalizou uma teoria antecessora do Superego, ao dizer que o mundo da matéria (nós) vive atolado numa caverna obscura que, do luminoso e perfeito mundo das ideias que lá fora vive, só pode enxergar as sombras projetadas no fosso. Tudo o que conseguimos não passa de cópias inferiores do Ideal. Todos os deuses criados pelo homem à sua imagem e semelhança tiveram essa característica de Ideal.

O Superego, em sua versão atual, continua sendo o ideal de perfeição "Acima de nós", com poderes de nos ameaçar com a vergonha, a culpa, a perda do amor das pessoas queridas, a "sifudência", de nos criticar, julgar e condenar. Se a consciência é uma graça, essa é sua desgraça.

---

**FRANCISCO DAUDT** escreve esporadicamente para esta publicação. [www.franciscodaudt.com.br](http://www.franciscodaudt.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2014.**

## A memória e o filminho brega do Facebook (CRISTIANE SEGATTO)

### Como seu cérebro edita o passado melhor que a rede social

**O FACEBOOK** completou uma década. Faz 10 anos que o tempo ficou mais curto. Dez anos que amizades se fortaleceram ou foram estragadas para sempre. Dez anos que os comentários infelizes perderam seu lugar na vala comum do esquecimento. O destino de todo e qualquer deslize é a eternidade numa plataforma mais duradoura que a Pedra de Roseta. Mesmo que o infeliz apague o disse, mesmo que se retrate, o estrago está feito. OK, o Facebook não trouxe só problemas. Se tanta gente não sentisse prazer em usá-la, a rede social não seria o sucesso que é.

Nesta semana, muitos adeptos se emocionaram com o novo brinquedinho oferecido pela empresa. Uma retrospectiva em vídeo personalizada mostra alguns dos fatos mais marcantes da vida de quem usou o Facebook nos últimos dez anos. O resultado é piegas, como muitas de nossas postagens. O filminho é brega como a vida. Espiei o meu e, confesso, fiquei tocada ao rever momentos importantes para mim. O Facebook sabe disso. Se tem uma coisa da qual essa empresa entende é de comportamento. Sabe emocionar, engajar e viciar. Não tive coragem de compartilhar meu vídeo. Ninguém merece ver uma história que só interessa a quem a viveu. Seria impingir aos meus amigos o desconforto que sentia quando era obrigada a frequentar festinhas em buffets infantis.

Você está ali, num barulho infernal, tentando desgrudar do dente uma daquelas terríveis bolinhas de queijo -- parentes distantes e desvirtuadas da coxinha de galinha. Ainda é obrigada a dar atenção ao pai do coleguinha da sua filha que se sentou ao seu lado. O mala insiste em falar das vantagens de seu Grand Cherokee numa cidade abarrotada de carros. Enquanto pensa que "quanto maior o carro, pior a pessoa", começa o tormento master. Um filme longo, mal feito, com uma musiquinha melosa apresenta os grandes momentos da vida do aniversariante. Thanks, God. Os filhos crescem.

É impressionante a tendência do ser humano de olhar o passado com excessiva generosidade. O Facebook deita e rola. Está sempre pronto a fornecer ferramentas que reforçam essa característica tão humana. Fotos postadas por colegas da juventude na sua linha do tempo (quase sempre sem a sua autorização prévia) estimulam o saudosismo. Muita gente sofre

com pensamentos do tipo: "Ah, como eu era magro"; "Nossa, como eu era cabeludo"; "Ah, por que deixei escapar o amor da minha vida?"; "Como éramos felizes naquele emprego". A memória é uma eterna traidora. Aquelas cenas que juramos lembrar vividamente não passam de edição. Não são editadas apenas pelo Facebook. São editadas o tempo todo, naturalmente, pelo nosso cérebro.

Um exemplo dessa edição foi demonstrada por pesquisadores da Universidade Northwestern, em Chicago, num estudo publicado nesta semana no *Journal of Neuroscience*. O cérebro edita o passado. Bem melhor que o Facebook. O trabalho desses cientistas é o primeiro capaz de demonstrar como a memória pega fragmentos do presente e os adiciona nas lembranças do passado. "A noção de que a memória é perfeita é um mito", diz o professor de neurologia Joel Voss, orientador do estudo. "Todo mundo gosta de pensar nela como essa coisa que nos faz recordar vividamente de nossa infância ou do que fizemos na semana passada", diz Voss.

Não é bem assim. A memória não recupera cenas do passado com a acurácia de uma câmera de vídeo. Ela atualiza as lembranças com novas experiências. Voss explica que uma região do cérebro chamada de hipocampo atua como um editor de filme ou diretor de efeitos especiais. Esse mecanismo existe para nos ajudar a sobreviver e a nos adaptar a ambientes que mudam constantemente. Ele também nos ajuda a focar nas coisas que realmente são importantes no presente. "A memória é planejada para nos ajudar a tomar boas decisões a cada momento. Por isso, ela precisa estar sempre atualizada. A informação que é relevante agora pode substituir a do passado", diz Voss.

No estudo, o objetivo dos pesquisadores era identificar o exato momento em que uma informação incorreta é implantada numa lembrança. No experimento, eles pediram a 17 homens e mulheres que estudassem a localização de 168 objetos numa tela de computador com fundos diferentes (uma cena do fundo do mar, a vista aérea de uma fazenda etc). Em seguida, os participantes foram convidados a colocar o objeto no lugar original, mas numa tela com um fundo diferente. Depois, o mesmo objeto foi apresentado aos voluntários em três lugares na tela original. Aí eles foram convidados a escolher a localização correta entre três opções: o local onde eles viram o objeto originalmente; o lugar que eles escolheram colocar o objeto na etapa anterior e uma localização completamente nova.

Os participantes sempre colocaram o objeto no local que eles escolheram durante a segunda parte do teste. "Isso sugere que a lembrança original mudou para refletir a localização da qual eles se lembraram na tela com o fundo novo, diz a pesquisadora Donna Jo Bridge. "A memória deles atualizou a informação incluindo a nova informação na lembrança antiga", diz Donna. "Nossa memória remonta e edita acontecimentos para criar uma história que faça sentido no mundo atual. A memória é construída para ser atual". Durante o teste, a atividade cerebral dos voluntários foi monitorada por meio de equipamentos de ressonância magnética. É claro que o estudo tem limitações. É um trabalho de laboratório, mas não é absurdo pensar que a memória funciona da mesma forma no mundo real.

Os pesquisadores acreditam que o trabalho pode até mesmo levantar questões sobre a confiabilidade dos depoimentos de testemunhas em processos judiciais. "Nossa memória é construída para mudar, não para regurgitar fatos. Não somos testemunhas muito confiáveis", diz Donna. O estudo também pode nos levar a repensar a importância de momentos marcantes na nossa vida. O amor à primeira vista, por exemplo, parece ser mais um truque da memória. "Quando você pensa no momento em que encontrou seu parceiro atual, provavelmente você lembra o sentimento de amor e euforia", diz Donna. Segundo ela, isso ocorre porque projetamos o sentimento atual sobre a lembrança do encontro original com a pessoa amada.

O cérebro deixa para trás o que é descartável. Reinterpreta o que precisa ser reinterpretado para que a gente possa seguir em frente. Livra-se com facilidade do excesso de bagagem. Se o passado foi bem vivido, ótimo. Se não foi, bola para frente. Não permita que ele estrague o presente. Até porque a leitura que fazemos do passado pode não ser muito fidedigna. Ao contrário do nosso cérebro, o Facebook eterniza toda e qualquer trolha. Traz de volta o que não interessa mais. A vida muda, seu cérebro se adapta. Recupera e edita só o que interessa. Bem que o Facebook poderia deixar o passado descansar em paz.

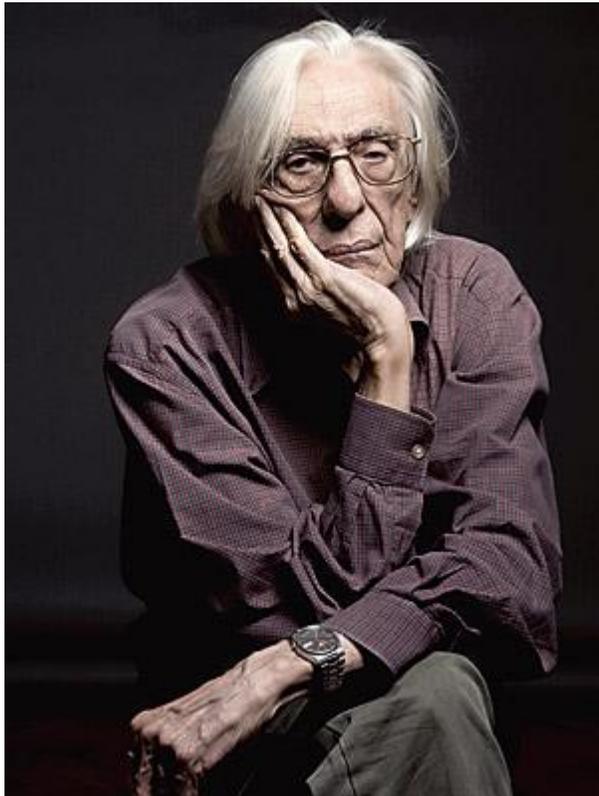
---

**CRISTIANE SEGATTO** é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Fevereiro de 2014.**

## **"Ninguém aguenta uma pessoa delirante dentro de casa" (CRISTIANE SEGATTO)**

**Um dos maiores críticos da falta de vagas para internação psiquiátrica, o poeta Ferreira Gullar, conta a ÉPOCA a experiência de ter convivido com dois filhos esquizofrênicos - o que ainda está vivo mora hoje num sítio em Pernambuco.**

**O POETA** Ferreira Gullar, 78 anos, teve dois filhos com esquizofrenia. Paulo, 50 anos, vive num sítio em Pernambuco há cinco. Marcos, que tinha um quadro mais leve da doença, morreu em 1992, de cirrose hepática. Recentemente, Gullar escreveu três artigos no jornal *Folha de S. Paulo* sobre a falta de vagas para internação psiquiátrica. A reação dos leitores chamou atenção para uma das maiores controvérsias da psiquiatria: o que fazer com doentes mentais em estado grave? Gullar concedeu a seguinte entrevista a ÉPOCA em seu apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro (confira ao final desta página um vídeo com trechos da conversa).



**ÉPOCA - A lei federal 10.216, aprovada em 2001, não proíbe a internação de pacientes em hospitais psiquiátricos, mas estimulou a redução de leitos. Por que decidiu falar sobre essa lei agora?**

**Ferreira Gullar** - Antes da aprovação da lei, soube do que consistia o primeiro projeto. Para internar uma pessoa, a família precisaria pedir autorização de um juiz. Felizmente isso foi retirado do texto final. Imagine o que é ter em casa um garoto em estado delirante - às vezes falando sem parar da noite até o dia seguinte. Os pais tentam dar remédio, tentam conversar e nada funciona. Nessa situação, o único recurso é internar. Você sente que a pessoa está saindo do controle e pode fazer uma loucura qualquer. Imagine ter de aguardar autorização de um juiz para internar um paciente numa situação de emergência. Que juiz? Aquele que nunca encontramos na justiça eficiente que temos? Imagine o desastre que isso seria.

**ÉPOCA - Mas por que decidiu escrever neste momento?**

**Gullar** - Li notícias recentes sobre o aumento de doentes mentais na população de rua. Eu já previa que isso ia acontecer diante da restrição do número de hospitais e do período de internação. Como é possível estabelecer um período de internação, determinar que um paciente psiquiátrico esteja curado dentro de determinado tempo? Quem não tem dinheiro para colocar o filho numa clínica particular fica com ele em casa até quando suportar. Muitas vezes o doente foge. Quantas vezes isso aconteceu comigo... Ele foge, vai para rua sem rumo. Ninguém sabe para onde vai.

**ÉPOCA - O doente precisa ficar vigiado dentro de casa?**

**Gullar** - Ninguém aguenta uma pessoa em estado de delírio dentro de casa. Só se ninguém trabalhar, todo mundo ficar em volta do doente. E se for uma pessoa agressiva? Tem que internar. Nenhum pai e nenhuma mãe internam seus filhos contentes da vida, achando que se livraram. Não estou dizendo que a lei foi feita para perseguir as pessoas. Não vou imaginar uma coisa dessas. Ela foi feita com boa intenção. Mas de boa intenção o inferno está cheio.

**ÉPOCA - O senhor acha que a internação em hospitais psiquiátricos é o melhor tratamento?**

**Gullar** - Ninguém é a favor de manicômio ou de encerrar uma pessoa pelo resto da vida. Isso não existe há muito tempo. Mas hoje as famílias sem recursos não têm onde pôr seus filhos. Eles vão para a rua. São mendigos loucos, mendigos delirantes. Podem agredir alguém. É imprevisível o que pode acontecer. O Ministério da Saúde tem de olhar isso. O hospital-dia é uma boa coisa. Mas para o doente ir para o hospital-dia ele tem que querer ir. Quando entra em surto, é evidente que não vai querer ir para o hospital-dia. Dizer que os doentes serão encarcerados é terrorismo.

**ÉPOCA - Qual a sua opinião sobre a visão do movimento de luta antimanicomial?**

**Gullar** - Esse pessoal não diz explicitamente, mas eu sei que para eles não existe doença mental. Por que falam em psiquiatria democrática? Existe urologia democrática? A psiquiatria democrática pressupõe que as pessoas internam seus parentes para cercear a liberdade deles. Segundo essa linha, o cara não é doido. Ele é um dissidente. Isso vem da época das drogas, da época dos Beatles, da época em que as pessoas diziam "tu tá pinel". O que era isso? A classe média cheirava cocaína e ia parar no Pinel. Não eram doidos. Mas, levada a uma overdose, a pessoa pode entrar num estado de delírio. Esse pessoal acha que a máfia de branco cerceia a liberdade das pessoas. Pessoas que são dissidentes da sociedade burguesa. A psiquiatria democrática considera que a sociedade é que é doente e reprime aqueles que discordam dela.

**ÉPOCA - Por que o sr. diz que isso é um marxismo equivocados?**

**Gullar** - A raiz ideológica da psiquiatria democrática é a ideia de que não existe doença. A sociedade é que é culpada porque é burguesa. Quando eu estava exilado em Buenos Aires, nos anos 70, fui conversar com os médicos no hospital onde meu filho Paulo (hoje com 50 anos) havia sido internado depois de um surto. Uma médica veio conversar comigo e disse que o problema não era do meu filho. Era da família e da sociedade. Disse para ela: então me interna.

**ÉPOCA - Paulo estava com você no exílio?**

**Gullar** - Nessa época, sim. Um dia ele teve um surto e sumiu. Foi encontrado em estado totalmente delirante e foi internado. A médica chamou a mim e a minha mulher para conversar. Eu disse: coração adoce, rim adoce sem que a sociedade seja culpada de nada. O cérebro é o único órgão que não adoce por si? A sra. não acha que uma pessoa pode nascer com uma deficiência fisiológica no cérebro? O que está por trás de tudo isso é uma visão equivocada.

## ÉPOCA - Quando seus filhos receberam o diagnóstico de esquizofrenia?

**Gullar** - Os dois começaram a falar disparates e a se comportar de maneira anormal. Isso se manifestou quando tinham 15 ou 16 anos. A doença foi precipitada pela droga. Era um período que cheirar cocaína, fumar maconha e consumir LSD estavam na moda. Surgiram anormalidades, mas eu não fiz nada. Atribuía o comportamento deles às drogas.

**CRISTIANE SEGATTO** é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Fevereiro de 2014.**

## O negócio da educação (TORY OLIVEIRA)

**Universidades privadas atraem alunos e investidores, mas lutam para equilibrar gestão empresarial e qualidade no ensino**



**UM BILHÃO** de reais foi o preço desembolsado pelo grupo norte-americano Laureate na compra de uma das instituições de Ensino Superior mais cobiçadas do mercado, a paulistana FMU, em agosto de 2013. A Laureate já investiu cerca de 2 bilhões de reais no mercado nacional de educação e esse negócio, um dos maiores já feitos no Brasil na área, só perde para a compra da Unopar pela Kroton, por R\$ 1,3 bilhão, em 2011. Outra jogada pode aquecer ainda mais o setor em breve: a fusão entre a Kroton e a gigante Anhanguera. A ação ainda está em análise no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), órgão que regula a concorrência no Brasil. No último parecer, o Cade concluiu que a aquisição implicaria riscos de concentração nos mercados de ensino presencial e a distância. Até a conclusão desta edição, a situação permanecia indefinida.

Majoritários no Brasil desde os anos 1970, faculdades e centros universitários privados concentram hoje 5,1 milhões dos 7 milhões de matrículas no Ensino Superior. A maior parte dessas 2,1 mil instituições privadas (76%) acessa recursos públicos através de projetos como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Por que o setor tornou-se tão atraente e por que há tantas fusões e aquisições desde o fim do século XX? Para especialistas, a resposta está em um decreto de 1997 que permitiu finalidade lucrativa para entidades educacionais particulares – o texto foi revogado em 2001 e em 2006, mas a liberação subsistiu. O texto, que marca a segunda onda de expansão da educação superior privada no Brasil, “fomentou e legitimou a mercantilização”, afirma Helena Sampaio, professora da Faculdade de Educação da Unicamp e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da USP.

Como a Constituição de 1988 garantiu autonomia às universidades, as faculdades passaram a cobiçar esse status, vislumbrando a possibilidade de manejar com mais liberdade a criação e a extinção de cursos e o número de vagas oferecidas. Com isso, instituições menores começaram a se fundir em novas e maiores entidades. “O processo inicial de fusão e aquisição no setor começa fora da Bolsa de Valores, dentro do próprio mercado”, explica a economista Cristina Helena Almeida de Carvalho, professora da Faculdade de Educação da UnB.

A organização e a consolidação prévia do setor privado no Ensino Superior brasileiro ajudaram a pavimentar a chegada de grandes grupos educacionais ao País a partir do ano 2000. A existência de marcas já reconhecidas pelo mercado local e o patrimônio acumulado pelas instituições nacionais ao longo dos anos, inclusive o imobiliário, também atraíram os gigantes internacionais. “Tudo no Brasil contribuiu para a chegada dos grandes grupos, sobretudo a existência de um forte setor privado nacional”, diz Helena.

“A demanda reprimida por vagas no Ensino Superior, também agravada pelo aumento de matrículas no Ensino Médio e pela crescente necessidade de qualificação exigida pelo mercado em razão do implemento econômico recente, contribuiu para a expansão”, afirma Henrique Heidtmann Neto, chefe do Centro de Graduação da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (Ebape) da FGV, no Rio de Janeiro. “No Brasil, ao contrário de outros países, temos a tradição de o aluno do Ensino Médio ter a preferência pelo ensino universitário em vez do técnico”, explica.

Em 2007, quatro grupos abriram capital na Bolsa de Valores de São Paulo. Essa captação possibilitou a entrada de diversos acionistas no negócio da educação superior, inclusive do capital estrangeiro. “Quem compra instituições lucrativas são fundos de investimento de grupos fechados compostos de investidores nacionais e internacionais com participação em empresas de capital aberto ou fechado”, diz a economista Cristina. Para ela, um dos desdobramentos disso é o “envolvimento posterior na gestão da empresa educacional”.

Uma das maiores consequências desse movimento é o surgimento de um novo modelo de empresa educacional, na qual a gestão é geralmente subordinada aos interesses financeiros. “Os acionistas se envolvem e participam das decisões administrativas das empresas de ensino, que funcionam com base em governança corporativa”, explica Cristina. Como outros especialistas, ela credita a isso à proliferação de medidas como enxugamento de estruturas empresariais, demissões de docentes, queda do valor da hora-aula paga ao professor e expansão da modalidade de educação a distância. “Isso atinge não só a relação com os docentes, mas também a qualidade do ensino, já que a precarização se reflete no conteúdo”, ela afirma.

“Como a lógica é a da empresa lucrativa, a cultura pedagógica perde muito”, avalia Maria Lucia dos Santos, 53, professora de Ensino Superior há 14 anos. Ela também diagnostica uma influência da filosofia corporativa sobre o trabalho pedagógico. “A competição e o medo da demissão tornam os docentes mais temerosos com o pensamento crítico em sala de aula, pasteurizando os ensinamentos”, opina Maria. Ela integra o grupo de trabalho Docência e Qualidade, nascido de uma greve deflagrada após professores de uma entidade privada paulistana protestarem, em 2012, por falta de pagamento de salários.

Presidente do Grupo Anhanguera Educacional, um dos maiores do setor, com 428 mil alunos, 70 campi e 500 polos de ensino, Roberto Valério rebate as críticas sobre perda de qualidade. “Nossa abertura de capital está totalmente alinhada à missão da instituição de contribuir com a democratização do acesso ao Ensino Superior e de realizar uma série de investimentos em qualidade acadêmica, com a captação de recursos no mercado”, afirmou. Ele ressalta que o grupo mantém convênios com universidades internacionais e registrou desempenho positivo e superior à média do mercado na última avaliação do MEC. Além disso, Valério destaca que as instituições privadas concentram 75% das matrículas nessa etapa: “Tivemos papel relevante em proporcionar o acesso a um público que não conseguiria fazer faculdade de outra forma”. Hoje, 40% dos alunos de graduação da Anhanguera recebem bolsas ou financiamento via governo federal.

## **Combustível estatal**

Programas governamentais de incentivo ao estudo, como o ProUni, e de crédito estudantil, como o Fies, também contribuem para o aquecimento do Ensino Superior privado. Diretor-executivo do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior do Estado de São Paulo (Semesp), órgão que representa as universidades, Rodrigo Capelato acredita que o Fies é a grande alavanca do segmento. “Ele pega a nova classe média e o público que escolhia o curso pelo preço, mas que agora pode fazê-lo pela vocação”, analisa. Ele alerta, porém, para o que vê como uma superestimação da expansão. “O número de alunos cresceu apenas 1,2%, de acordo com o último Censo”, diz. “Hoje, só temos 15% dos estudantes de 18 a 24 anos no Ensino Superior. É preciso, no mínimo, dobrar esse índice, e isso tem sido mascarado por conta das notícias acerca dos grandes grupos.” Capelato defende o crescimento, seja ele alavancado pelo setor público ou pelo privado, e diz que ainda há “muito campo para avançar”.

Para Helena Sampaio, o ProUni é uma injeção de investimento público no setor privado. Criado em 2005, o programa do governo federal vincula a concessão de bolsas para alunos de baixa renda à isenção sobre Imposto de Renda da Pessoa Jurídica, PIS, Cofins e CSLL (Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido). “O ProUni é um desdobramento da evolução histórica da expansão do Ensino Superior”, analisa o sociólogo Wilson Mesquita de Almeida, estudioso do programa. “O programa tem valor para uma camada pobre da população que não conseguiria competir e entrar em universidades públicas”, analisa. “O desafio”, ele ressalva, “é que em geral a qualidade das instituições particulares é baixa.”

Desde a sua criação, o ProUni já ofereceu 1.095.480 bolsas de estudo para alunos de baixa renda em todo o País (86% delas na modalidade presencial), de acordo com dados do MEC. Em 2013, foram ofertadas 252.374 bolsas. Entidades privadas (e, portanto, lucrativas) são o principal destino dos bolsistas, com 56% das matrículas. Em três anos, o crescimento do Fies foi ainda maior: passou de 76 mil contratos em 2010 para 566 mil no ano passado.

Instituições particulares também se beneficiam dos programas de outro modo: eles amenizam questões de gestão empresarial, como a inadimplência e a desistência, analisa Cristina Carvalho. A economista conta que os programas chegam

a ser citados em relatórios empresariais de relacionamento com investidores para afastar o temor de abalo na situação financeira ou nos resultados das empresas. Almeida concorda: "Quando o setor estava em situação falimentar, sem capital de giro e com alta evasão, vieram os programas. Se as empresas deixam de gastar, ganham fôlego para seguir no mercado".

Questionada, a Anhanguera não informou o peso do Fies e do ProUni sobre os resultados financeiros. Procurados, outros grandes grupos educacionais, como Kroton, Laureate e Estácio de Sá, não responderam às questões da reportagem.

### E a qualidade?

Garantir a qualidade dos cursos oferecidos pelas instituições privadas é um dos maiores desafios para o governo federal. Em 2013, ao menos 200 graduações tiveram vestibulares suspensos por não atingirem pelo segundo ano consecutivo os padrões mínimos de qualidade exigidos pelo MEC. O acesso aos programas de bolsa e financiamento também será bloqueado. Em 2013, 12% dos 8.184 cursos avaliados receberam conceitos 1 e 2, os mais baixos.

A demanda por verificação da qualidade do ensino também fundamenta um projeto, hoje na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados, que prevê a criação de uma nova autarquia do MEC, o Instituto Nacional de Supervisão e Avaliação da Educação Superior (Insaes). Segundo a proposta do Executivo, suas funções envolverão aprovar previamente aquisições e fusões no setor e avaliar presencialmente instituições federais e privadas de educação superior e seus cursos de graduação, atribuições que hoje são do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). O novo órgão, que absorverá funcionários da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior do MEC (Seres), criará 550 novos cargos e terá um custo anual de 47 milhões de reais, segundo o projeto.

O Ministro da Educação, Aloizio Mercadante, chamou de "fundamental" a aprovação do Insaes, em especial graças à ligação entre a expansão da área nos últimos anos e o financiamento público, ao qual estão atreladas ao menos 35% das vagas atuais. "O Insaes será um instrumento de fiscalização adequado para o setor, que terá prazos e procedimentos mais previsíveis, e para a qualidade do ensino", defendeu.

"O Insaes é necessário, pois a Seres avalia mais de 2 mil instituições privadas com estrutura reduzida", afirma Cristina de Carvalho. O projeto inicial do órgão prevê punições para unidades que ofertarem cursos de baixa qualidade, como multas, advertências, suspensões e até inabilitação da instituição. "O processo de mercantilização da educação superior me parece difícil de ser revertido, mas é possível ao menos impor limites a essa expansão".

---

**TORY OLIVEIRA** é Jornalista e escreve periodicamente para esta publicação. **Revista CARTA NA ESCOLA, Fevereiro de 2014.**

## O aquecimento global castiga o homem (RUI DAHER)



**Quem reclama do calor achava o quê? Que séculos de industrialização e exploração de recursos naturais terminariam numa boa?**

**Ao lado, ermômetro registra alta temperatura em Sevilla, na Espanha**

**VAMOS** copiar por alguns instantes as folhas e telas cotidianas no uso excessivo do padrão *Guinness* – o livro, não a cerveja – de aferir catástrofes mediante recordes históricos.

Em cidades brasileiras, pessoas se queixam do calor, inédito em 70 anos. No hemisfério norte, veículos e pessoas escorregam em nevascas sem precedentes em duas décadas. O mesmo para seca no nordeste brasileiro. Da Califórnia à Austrália, passando por terras lusitanas, ardem florestas. Em outras regiões, mares, rios e lagoas transbordam os limites. Achavam o quê? Não pegaria nada? Séculos fazendo industrialização e tecnologia deitarem e rolarem sobre

clima e recursos naturais para tudo terminar numa boa? Sim, a resposta castiga o homem, culpado pelo aquecimento global conforme relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), de setembro de 2013.

Centenas de Summits a que serviram? Faltaram manifestações? De Cohn-Bendit a Capilé em um capítulo?

Relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), apresentado na última reunião de Davos, Suíça, alerta para o fato de que se não tratarmos direito a expansão agropecuária chegaremos ao emblemático ano 2050 pela bola sete. Até lá serão degradados 849 milhões de hectares de terras, um Brasil.

E a quem caberá impedir a tragédia? Ora bolas, aos que restaram. Para os burocratas da ONU, denodo, espírito humanitário e áreas agricultáveis ainda estão disponíveis nas América Latina, Ásia e África Subsaariana. Desde que seus povos se comportem sustentavelmente. Ainda que cavalinho na chuva não pegue resfriado, creio melhor poupá-lo. Mudanças climáticas, usos de solos e águas, preservação de biomas e produção de alimentos, frequentam a mesma face da moeda. Na outra face está o motor que faz a roda girar no sentido contrário. O capitalismo.

O Pnuma, em certos aspectos, carrega nos tons cinzentos. Ao extrapolar para 2050 a expansão da área de cultivo do período 1961/2007, que foi de 11%, toma tendência que já não se repete. O crescimento da produção vem ocorrendo com incorporação de tecnologia e aumento de produtividade. Não que isso prove o alto grau de conscientização do planeta. Os onze bilhões de dólares de agrotóxicos vendidos no Brasil, em 2013, justificam ceticismo.

Caso é que sem retorno financeiro a agropecuária não vai ou segue lenta. Acomoda-se em áreas já consolidadas com infraestrutura e tecnologia. Expansão custa caro. Áreas agricultáveis tiveram alta valorização em todas as regiões do planeta. A gula dos desenvolvidos, incluída a China, olha na direção de terras africanas, asiáticas e latinas. Por enquanto, não pensa em plantio, mas na especulação com ativos imobiliários e conquistas hegemônicas futuras. O crescimento acelerado da agropecuária não é necessário nem traria grandes benefícios a quem precisa. Um ou outro especulador de Bolsa poderia sair ganhando.

O dedicado ativista poderá perguntar: e o quase bilhão de famintos que existe no planeta? A produção atual é suficiente para todos, apenas mal distribuída e um terço dela engolida no ralo do desperdício. Enquanto não se mostrar que atividades benéficas à vida no planeta o são também para o bolso de quem produz alimentos, ficaremos na mesma. Poucos serão capazes de abrir mão de ganância e imediatismo pelo bem de quem virá.

Não acreditam? Olhem para trás. A consolidação do plantio direto sobre palha no Brasil só veio quando o agricultor entendeu nele um manejo lucrativo. O mesmo ocorre com a substituição parcial do uso de agrotóxicos por materiais orgânicos e biológicos. Estes reduzem os custos. As vantagens da integração lavoura, pasto, floresta ficarão evidentes quando o agropecuarista calcular a fortuna que é recuperar áreas degradadas ou o patrimônio que se perde deixando-as assim.

Vira, mexe e rebola volta-se à necessidade de produzir na terra de forma sustentável, termo que de tão desgastado ficou com a cara de "bonzinho assim". Se quisermos produção agropecuária sustentável, o fetiche capitalista precisará entrar em cena. Dizem ser ele o melhor sistema. Pode ser. Mas não esperem encontrar muitos "bonzinhos assim" indo contra a sua lógica.

---

**RUI DAHER** é jornalista e escreve periodicamente para esta publicação. **Revista CARTA CAPITAL, Fevereiro de 2014.**

Lucas Rocha